



Cinema & Território

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

VOL. 2 | N.º 11 | 2026

AUTORIA VS ALGORITMOS

Regulação emocional e dinâmicas de poder conjugal: uma análise psicanalítica e psicossocial de *Águas Profundas* (2022)

Leandro de Sousa ALMEIDA

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt>

DOI: 10.34640/ct11uma2026almeida

ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

Almeida, L. S. (2026). Regulação emocional e dinâmicas de poder conjugal: uma análise psicanalítica e psicossocial de *Águas Profundas* (2022). *Cinema & Território*, (11), 57-70. <http://doi.org/10.34640/ct11uma2026almeida>

12 de agosto de 2026



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

Regulação emocional e dinâmicas de poder conjugal: uma análise psicanalítica e psicossocial de *Águas Profundas* (2022)

Leandro de Sousa ALMEIDA

Universidade Estadual da Paraíba

leandro.sousa@aluno.uepb.edu.br

Resumo: O presente artigo analisa as dinâmicas emocionais e os jogos de poder estabelecidos entre Vic Van Allen e Melinda Van Allen no filme *Águas Profundas* (2022), dirigido por Adrian Lyne. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na análise fílmica e em uma perspectiva interdisciplinar que articula contribuições da psicanálise, da psicologia das emoções, da teoria do apego, dos estudos de gênero e masculinidades e das teorias sociológicas do poder. O objetivo central consiste em compreender como o controle emocional extremo de Vic e a provocação constante de Melinda estruturam uma dinâmica conjugal marcada por repressão, ambivalência e violência simbólica. A análise evidencia que o aparente autocontrole de Vic pode ser interpretado como um mecanismo defensivo associado à supressão emocional, enquanto o comportamento de Melinda revela padrões relacionais marcados pela busca constante de validação afetiva. Conclui-se que a relação conjugal representada no filme não se organiza a partir da ausência de afeto, mas da dificuldade de simbolização e comunicação emocional, configurando um sistema relacional sustentado por tensão acumulada e estratégias sutis de dominação.

Palavras-chave: regulação emocional, psicanálise, apego, masculinidade hegemônica, poder simbólico

Abstract: This article analyzes the emotional dynamics and power relations established between Vic Van Allen and Melinda Van Allen in the film *Deep Water* (2022), directed by Adrian Lyne. The study adopts a qualitative and interpretative approach, grounded in film analysis and supported by an interdisciplinary perspective that brings together contributions from psychoanalysis, the psychology of emotions, attachment theory, gender and masculinity studies, and sociological theories of power. Its main objective is to understand how Vic's extreme emotional control and Melinda's constant provocation structure a marital dynamic marked by repression, ambivalence, and symbolic violence. The analysis shows that Vic's apparent self-control can be interpreted as a defensive mechanism associated with emotional suppression, whereas Melinda's behavior reveals relational patterns characterized by a persistent search for affective validation. The study concludes that the marital relationship portrayed in the film is not organized around the absence of affection, but rather around difficulties in emotional communication and symbolization, thus configuring a relational system sustained by accumulated tension and subtle strategies of domination.

Keywords: emotion regulation, psychoanalysis attachment, hegemonic masculinity, symbolic power

Introdução

O cinema contemporâneo tem se destacado como um espaço privilegiado para a representação das tensões psicológicas e afetivas que atravessam as relações interpessoais. Nesse contexto, o filme *Águas Profundas* (*Deep Water*, 2022), dirigido por Adrian Lyne e baseado no romance homônimo de Patricia Highsmith, apresenta uma narrativa marcada por conflitos conjugais, disputas de poder e formas complexas de regulação emocional. Ao explorar uma relação permeada por ciúme, provocação, silenciamento e violência simbólica, a obra oferece um material relevante para reflexões sobre os modos como os sujeitos elaboram desejos, frustrações e estratégias de controle no âmbito da intimidade.

Partindo dessa perspectiva, este artigo investiga as dinâmicas emocionais e os jogos de poder estabelecidos entre os personagens Vic Van Allen e Melinda Van Allen. O problema que orienta a pesquisa consiste em compreender de que maneira o controle emocional exercido por Vic e as constantes provocações de Melinda estruturam uma relação marcada por ambivalência afetiva, repressão emocional e disputas simbólicas. Nesse sentido, questiona-se se a aparente frieza emocional de Vic pode ser compreendida como expressão de maturidade afetiva ou como mecanismo defensivo de supressão emocional, bem como se a exposição recorrente do desejo por parte de Melinda constitui manifestação de autonomia ou sinal de insegurança relacional.

A hipótese defendida é que os comportamentos dos personagens não decorrem da ausência de afeto, mas de dificuldades relacionadas à simbolização e à comunicação emocional, produzindo uma dinâmica relacional sustentada por tensões acumuladas e estratégias sutis de dominação. Para examinar essa problemática, o estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na análise fílmica e em uma perspectiva interdisciplinar que articula contribuições da psicanálise, da psicologia das emoções, da teoria do apego, dos estudos sobre masculinidades e das teorias sociológicas do poder.

A relevância da pesquisa reside na possibilidade de ampliar as discussões acerca das representações cinematográficas das relações afetivas contemporâneas, evidenciando como determinadas formas de controle emocional e de exercício do poder podem ser naturalizadas nas dinâmicas conjugais. Além disso, o trabalho contribui para o diálogo entre estudos fílmicos, psicologia e ciências sociais, demonstrando o potencial do cinema como objeto de investigação das subjetividades e das relações de poder.

Para atingir os objetivos propostos, o artigo está organizado em três momentos principais. Inicialmente, apresentam-se os referenciais teóricos que fundamentam a análise. Em seguida, desenvolve-se a interpretação das dinâmicas emocionais e dos mecanismos de poder observados na relação entre os protagonistas. Por fim, são discutidos os resultados da investigação, destacando-se as implicações dos achados para a compreensão das representações da intimidade, da regulação emocional e das relações de poder no cinema contemporâneo.

O filme *Águas Profundas* (título original *Deep Water*), lançado em 2022, é dirigido por Adrian Lyne e produzido por Arnon Milchan, Garrett Basch e Steven Zaillian, com distribuição da *20th Century Studios*. A obra marca o retorno de Lyne ao cinema após um longo hiato, sendo relevante destacar que o diretor consolidou sua trajetória no gênero do thriller erótico e psicológico com produções anteriores como *Atração Fatal* (*Fatal Attraction*) – lançado originalmente em 1987 e estreado nos cinemas dos Estados Unidos em 16 de setembro de 1987, chegando ao Brasil em 14 de janeiro de 1988 – e *Proposta Indecente* (*Indecent Proposal*) – lançado em 1993, com estreia mundial em 7 de abril de

1993. Tal histórico autoral é fundamental para compreender a estética e a atmosfera narrativa do filme.

Baseado no romance homônimo de Patricia Highsmith, publicado em 1957, o longa-metragem insere-se no gênero do thriller psicológico com forte carga erótica, explorando tensão conjugal, ambiguidade moral e violência latente. Diferentemente de thrillers convencionais centrados em perseguições ou ação explícita, a narrativa constrói suspense por meio da ambivalência afetiva e da progressiva intensificação do conflito íntimo. Ambientado em um contexto suburbano de classe média alta nos Estados Unidos, o filme apresenta uma estética marcada por planos prolongados, enquadramentos que privilegiam expressões faciais e uma fotografia que alterna luminosidade doméstica e sombras simbólicas. A trilha sonora e o ritmo narrativo contribuem para uma atmosfera de desconforto gradual, característica do thriller psicológico contemporâneo.

No centro de *Águas Profundas* (2022) está o casal Vic Van Allen e Melinda Van Allen, cuja relação misturada de amor, ciúme e tédio é o motor do enredo. Vic é um homem rico e intelectualmente sofisticado, que se aposentou precocemente depois de fazer fortuna desenvolvendo chips de orientação para drones de combate, um trabalho tecnicamente complexo e altamente lucrativo que lhe permitiu viver com conforto sem precisar de um emprego tradicional. Ele se define mais pelo seu passado profissional e hobbies, como cuidar de uma grande coleção de caracóis em casa, do que por uma carreira ativa no presente. Essa aposentadoria tecnológica e seu jeito reservado o transformam em uma figura introspectiva, observadora e, ao mesmo tempo, inquieta com a vida que construiu.

Melinda, por outro lado, é uma mulher atraente, extrovertida e sedutora, que parece não encontrar satisfação no casamento morno com Vic. Ao contrário dele, ela não tem uma ocupação profissional definida dentro da narrativa e não é mostrada em um trabalho tradicional. Sua presença na comunidade gira muito mais em torno de festas, encontros sociais e de manter múltiplos relacionamentos amorosos. Melinda vive provocando seu marido ao exibir seus amantes na frente dele, uma dinâmica que serve tanto como um escape emocional para ela quanto como um jogo psicológico complexo que alimenta o ciúme e o desconforto de Vic. Sua atitude audaciosa e autoafirmada diante das infidelidades é um dos maiores impulsionadores da tensão entre eles.

O casamento dos Van Allen não é convencional e, para evitar o desgaste de um divórcio formal e manter uma fachada de família funcional, eles concordam tacitamente que Melinda pode ter quantos amantes quiser, contanto que permaneça com a família, especialmente por causa da filha deles, Trixie. Essa “arrumação” socialmente aceita entre eles cria um terreno fértil para mal-entendidos, provocações e suspeitas dentro de sua comunidade em Little Wesley, Louisiana, levando a uma espiral de desconfiança e eventos cada vez mais sombrios.

A escolha de Ben Affleck e Ana de Armas como protagonistas também possui relevância simbólica. Ambos eram amplamente reconhecidos pela mídia como casal fora das telas no período de filmagem, o que intensificou o interesse público e contribuiu para a recepção da obra sob lentes que misturam ficção e imaginário social. O relacionamento começou após se conhecerem no final de 2019, durante as filmagens de *Águas Profundas* (2022), em Nova Orleans, sendo que o namoro se tornou público em março de 2020 e terminou oficialmente, em janeiro de 2021.

Do ponto de vista temático, o filme articula elementos centrais do thriller erótico clássico, isto é, desejo, ciúme, traição e violência, com problemáticas contemporâneas relacionadas à masculinidade, regulação emocional e dinâmica de poder nas relações íntimas. O suspense não se constrói apenas pela possibilidade de crime, mas pelo constante questionamento acerca da estabilidade psíquica dos personagens. Assim, compreender o contexto de produção e o enquadramento genérico da obra permite situar

a análise dos personagens Vic e Melinda dentro de uma tradição cinematográfica específica, marcada por representações intensas da intimidade conjugal e pela exploração das fronteiras entre desejo, controle e destruição.

Sabemos que o cinema contemporâneo tem explorado, com crescente sofisticação, as tensões psicológicas presentes nas relações íntimas. Em *Águas Profundas* (2022), o conflito conjugal é construído menos por explosões passionais evidentes e mais por silêncios, olhares e gestos mínimos. A narrativa acompanha o casamento de Vic e Melinda, cuja relação é marcada por acordos implícitos, humilhações públicas e uma atmosfera permanente de instabilidade emocional.

Desde a cena inicial em uma festa, observa-se a construção visual de um contraste fundamental. Melinda dança de forma provocativa com outro homem, expondo seu corpo e seu desejo em um ambiente social aberto. Vic observa à distância, imóvel, com expressão facial quase neutra. A câmera alterna entre o movimento expansivo dela e a imobilidade contida dele, instaurando o eixo simbólico que atravessará toda a narrativa: exteriorização versus supressão. A questão que orienta esta investigação é a seguinte: a frieza emocional de Vic constitui maturidade afetiva ou mecanismo defensivo? E, simultaneamente, a teatralização do desejo por parte de Melinda representa autonomia ou expressão de insegurança relacional?

A teoria da repressão, formulada por Sigmund Freud (2010), descreve o recalque como processo pelo qual impulsos intoleráveis são excluídos da consciência. Entretanto, tais conteúdos não desaparecem, ou seja, retornam de forma deslocada ou sintomática. No caso de Vic, o ciúme não é explicitado verbalmente, mas reaparece sob a forma de vigilância constante e ameaça velada.

Jacques Lacan (1998) amplia essa concepção ao afirmar que o sujeito se constitui na relação com o desejo do Outro. A presença recorrente de amantes na vida de Melinda ameaça a posição simbólica de Vic enquanto figura de centralidade conjugal. Seu silêncio pode ser lido como tentativa de reapropriação do controle do desejo do Outro.

No campo da psicologia contemporânea, James Gross (1998; 2002) distingue estratégias de regulação emocional, destacando a supressão expressiva como forma de inibir manifestações externas de emoção após sua ativação. Pesquisas empíricas indicam que a supressão reduz a expressividade facial, mas mantém ou intensifica a ativação fisiológica interna. Essa descrição ajusta-se à performance de Vic, porquanto seu rosto permanece estável, mas seu comportamento revela tensão acumulada.

A teoria do apego, formulada por John Bowlby (2002), descreve padrões evitativos caracterizados pela minimização da vulnerabilidade e dificuldade em expressar dependência emocional. Vic apresenta traços compatíveis com esse padrão, uma vez que mantém autonomia aparente, evita confrontos emocionais diretos e substitui diálogo por controle silencioso.

No plano sociológico, R. W. Connell (1995) define masculinidade hegemônica como modelo que valoriza racionalidade, domínio e contenção emocional. Vic encarna esse ideal em sua forma mais rígida. Já Pierre Bourdieu (1989) argumenta que o poder simbólico opera de maneira invisível, naturalizando hierarquias. O silêncio de Vic funciona como instrumento de poder precisamente por não se apresentar como violência explícita.

Análise da regulação emocional e as dinâmicas de poder conjugal

No filme *Águas Profundas* (2022), Vic Van Allen constrói sua presença não pela explosão emocional, mas pela contenção meticulosa. Em diversas cenas sociais,

especialmente na festa realizada na residência do casal, observa-se um contraste expressivo entre a performance expansiva de Melinda Van Allen e a postura controlada de Vic.

Enquanto Melinda circula pelo ambiente, toca os convidados de forma insinuante, ri em volume elevado e dança com proximidade corporal explícita, Vic permanece majoritariamente estático. Seu corpo revela tensão contida com os ombros ligeiramente elevados, a musculatura facial contraída, o olhar fixo que acompanha cada deslocamento da esposa. Ele não se retira da cena, tampouco confronta. Permanece. Observa.

Essa permanência é significativa. Embora verbalmente declare não se incomodar com os envolvimento extraconjugais de Melinda, sua vigilância constante sugere o oposto. Sob a perspectiva de Michel Foucault (1975), o comportamento de Vic aproxima-se do princípio do panoptismo, em que o poder é exercido não pela intervenção direta, mas pela possibilidade permanente de observação. O olhar torna-se mecanismo disciplinador. A simples presença silenciosa de Vic introduz tensão no ambiente. Ele não controla pela palavra, mas pela expectativa.

A câmera reforça essa lógica. Em vários momentos, o enquadramento isola Vic em planos médios ou closes prolongados, capturando microexpressões quase imperceptíveis, isto é, um leve estreitamento dos olhos, a mandíbula pressionada, a respiração mais profunda. A montagem alterna entre a performance corporal exuberante de Melinda e a imobilidade calculada de Vic, construindo uma dialética visual entre excesso e contenção.

Do ponto de vista da regulação emocional, conforme James Gross (1998; 2002), Vic opera predominantemente por supressão expressiva. Ele inibe a manifestação externa do afeto, particularmente o ciúme e a raiva, sem necessariamente reduzir sua intensidade interna. A emoção é mantida sob controle performático, mas o corpo denuncia ativação fisiológica. A tensão muscular e o olhar fixo funcionam como sinais do afeto reprimido.

Uma das cenas mais emblemáticas ocorre quando Vic aproxima-se de Joel Dash, um dos amantes de Melinda durante uma reunião social e afirma, com serenidade quase clínica, ter assassinado um antigo parceiro dela. O momento é marcado por um tom de voz baixo, estável, desprovido de exaltação. A ameaça não é acompanhada de gestos bruscos ou agressividade física. Ao contrário, a tranquilidade aparente intensifica o desconforto.

Freud (1915) descreve o deslocamento como mecanismo pelo qual a energia pulsional é redirecionada para um objeto substitutivo. A agressividade que poderia ser dirigida diretamente a Melinda, figura central da ferida narcísica, é transferida para o amante e convertida em narrativa intimidatória. O relato funciona como instrumento simbólico de poder. Não se trata apenas de intimidação, mas de reinstalação hierárquica. Vic reafirma sua posição de domínio por meio da ambiguidade.

Essa ambiguidade é estratégica. Ele não confirma nem desmente a veracidade da declaração. O não-dito torna-se tão potente quanto a palavra. A ameaça permanece suspensa no campo da possibilidade, o que amplia seu efeito psicológico. Sob a lógica foucaultiana (1987), o poder disciplinar atua precisamente nessa zona de incerteza.

Nas sequências posteriores, quando Vic passa a seguir Melinda discretamente, o dispositivo cinematográfico reforça a estética da vigilância. Ele é frequentemente filmado a partir de ângulos que sugerem ocultamento, ou seja, atrás de árvores, dentro do carro e parcialmente encoberto por estruturas arquitetônicas. A câmera adota sua perspectiva, transformando o espectador em cúmplice da observação. Não há confronto imediato. Há rastreamento silencioso.

A vigilância substitui a comunicação. O silêncio, nesse contexto, não é passividade, mas ação estratégica. Vic não busca diálogo, ele coleta informações. A ausência de

confronto direto intensifica a assimetria relacional, pois Melinda, embora performe provocação pública, desconhece plenamente o alcance do monitoramento do marido.

Sob a ótica da masculinidade hegemônica (Connell, 1995), Vic preserva a imagem do homem imperturbável, racional e dominante. A honra masculina é mantida não por demonstração emocional descontrolada, mas por superioridade silenciosa. Demonstrar dor ou ciúme implicaria exposição de vulnerabilidade. Ao escolher a frieza, Vic sustenta capital simbólico.

Entretanto, essa supressão prolongada produz acumulação. O controle reiterado transforma-se em tensão latente. A vigilância contínua não resolve o conflito, apenas o posterga. O que se constrói ao longo da narrativa é a conversão do afeto reprimido em cálculo estratégico. A emoção não desaparece, ela se reorganiza em forma de domínio.

Assim, Vic Van Allen encarna um modelo de poder que opera pela observação constante, pela ambiguidade discursiva e pelo controle expressivo. Sua frieza não indica ausência de paixão, mas disciplina rigorosa da pulsão. O olhar substitui o grito, o silêncio substitui o confronto e a vigilância substitui o diálogo. E é precisamente nessa substituição que se estrutura sua forma particular de dominação.

Se Vic Van Allen organiza sua subjetividade a partir da contenção e da vigilância, Melinda Van Allen estrutura sua presença por meio da exteriorização do desejo. No filme *Águas Profundas* (2022), Melinda não apenas vivencia seus impulsos, ela os performa publicamente. Sua corporeidade é expansiva, sua fala é alta, seu riso é prolongado e frequentemente deslocado do contexto imediato, produzindo desconforto social deliberado.

Na festa inicial, por exemplo, Melinda dança de maneira provocativa com um dos convidados, aproximando o corpo com intencionalidade erótica explícita. Seus gestos são amplos, os braços envolvem o parceiro com naturalidade estudada, e seus olhares, embora direcionados ao homem com quem dança, frequentemente retornam a Vic. A triangulação visual é central, dado que ela deseja ser vista desejando.

Sob a perspectiva lacaniana (1998), o desejo é estruturado pelo olhar do Outro. Melinda não busca apenas prazer, busca reconhecimento. Seu comportamento sugere que o desejo só adquire intensidade quando é testemunhado. Vic torna-se, paradoxalmente, parte constitutiva da cena erótica que aparentemente o exclui.

A teoria do apego de John Bowlby (1969) oferece outra chave interpretativa. Indivíduos com padrão de apego ansioso tendem a manifestar comportamentos de teste relacional, alternando entre aproximação intensa e atitudes que provocam insegurança no parceiro. Melinda parece oscilar precisamente nesse movimento. Ao anunciar publicamente seus amantes, ela não rompe o vínculo conjugal. Ao contrário, reafirma-o pela provocação. Cada exposição funciona como pergunta implícita: “Você ainda se importa?”

Seu discurso irônico diante dos amigos, frequentemente minimizando o casamento ou insinuando sua liberdade sexual, pode ser compreendido como mecanismo de busca de validação social. Ao tornar público seu poder de sedução, Melinda reafirma sua desejabilidade. Freud (1914), ao tratar do narcisismo, descreve a necessidade de investimento libidinal externo para sustentação da autoestima. Nesse sentido, os amantes funcionam como espelhos narcísicos.

Contudo, sua atitude não deve ser interpretada apenas como hedonismo. Ao desafiar abertamente a masculinidade normativa de Vic, Melinda também reconfigura o equilíbrio de poder na relação. Se ele controla pela supressão e pelo silêncio, ela controla pela visibilidade e pelo escândalo. Trata-se de estratégias distintas de dominação simbólica.

Sob a ótica de R. W. Connell (1995), a masculinidade hegemônica é construída sobre a premissa do domínio e do controle emocional. Ao expor publicamente suas traições,

Melinda atinge o núcleo simbólico dessa masculinidade. Ela desloca Vic da posição tradicional de autoridade conjugal e o coloca na posição socialmente vulnerável do marido traído. Sua atitude pode, portanto, ser interpretada como tentativa de reequilibrar forças dentro da dinâmica conjugal.

A cinematografia reforça essa exteriorização. Melinda é frequentemente filmada em movimento, atravessando espaços, subindo escadas, circulando entre convidados, enquanto Vic aparece em planos mais fixos e contidos. A mobilidade dela contrasta com a imobilidade dele. O corpo de Melinda é performático, o de Vic é vigilante.

Entretanto, essa liberdade performática não elimina traços de vulnerabilidade. Em momentos de confronto direto com Vic, a expressão facial de Melinda se altera. O riso cessa, o olhar torna-se menos desafiador e surge breve hesitação na fala. Há instantes em que sua postura expansiva cede lugar a microexpressões de insegurança. Esses momentos sugerem que a provocação pode funcionar também como defesa contra o abandono simbólico.

Se Vic teme a exposição da vulnerabilidade pela via do silêncio, Melinda parece temer a indiferença. Sua maior ameaça não é a repreensão, mas a ausência de reação. Quando Vic permanece impassível, sua provocação se intensifica, como se a indiferença fosse vivida como anulação subjetiva.

Dessa forma, Melinda Van Allen não representa apenas impulsividade ou transgressão moral. Ela encarna uma subjetividade que depende da visibilidade do desejo para sustentar sua identidade. A exteriorização constante funciona simultaneamente como afirmação narcísica, teste de apego e estratégia de poder. O excesso comportamental é, paradoxalmente, tentativa de garantir permanência relacional.

Assim, enquanto Vic organiza o vínculo por meio da supressão e da vigilância, Melinda o organiza pela exposição e pela teatralização do desejo. A tensão entre ambos não decorre da ausência de afeto, mas da incompatibilidade entre modos de regulação emocional radicalmente distintos, um orientado ao controle interno, outro à validação externa.

A relação entre Vic Van Allen e Melinda Van Allen estrutura-se a partir de um padrão relacional circular, no qual as estratégias individuais de regulação emocional não apenas coexistem, mas se reforçam mutuamente. O casamento apresentado em *Águas Profundas* (2022) não é sustentado por diálogo, mas por um sistema de compensações disfuncionais. Quanto mais Melinda intensifica sua exposição pública do desejo, mais Vic aprofunda sua postura de silêncio vigilante. Quanto mais Vic se recolhe emocionalmente e observa, mais Melinda amplia o teor provocativo de suas atitudes.

Esse circuito pode ser compreendido à luz da teoria sistêmica das relações conjugais, especialmente nos estudos de comunicação paradoxal desenvolvidos por Gregory Bateson (1972). Há, entre o casal, uma dinâmica de mensagens contraditórias, ou seja, permanecem juntos, afirmam manter um acordo tácito de liberdade, mas agem como se disputassem permanentemente poder e território emocional. O vínculo é mantido não pela intimidade, mas pela tensão.

Em diversas cenas, percebe-se que a provocação de Melinda não visa necessariamente romper o casamento, mas produzir reação. Sua performance pública, ao apresentar amantes como parte de uma suposta normalidade conjugal, parece funcionar como teste emocional, visto que ela busca confirmar que ainda provoca impacto. A ausência de reação explícita de Vic, porém, não significa indiferença, ela representa outra forma de poder. Seu silêncio não é neutralidade, mas estratégia. Ele permanece, observa, espera.

Essa configuração revela o que pode ser denominado complementaridade patológica, em que dois estilos regulatórios se encaixam de modo destrutivo. Melinda externaliza, dramatiza e erotiza o conflito, enquanto Vic internaliza, racionaliza e desloca a

agressividade para gestos indiretos. Não há espaço para vulnerabilidade autêntica. Ambos evitam expressar medo, insegurança ou fragilidade, ou seja, emoções que poderiam abrir possibilidade de reconexão.

Do ponto de vista da inteligência emocional, conforme proposto por Daniel Goleman (1995), a competência emocional envolve reconhecer, nomear e integrar emoções. Vic demonstra autocontrole comportamental, mas não integração afetiva. Ele não verbaliza ciúme, dor ou humilhação, porquanto ele encapsula tais afetos. A supressão emocional crônica, segundo pesquisas contemporâneas em psicologia da regulação emocional (Gross, 1998), tende a aumentar ativação fisiológica e reduzir a qualidade das relações interpessoais. A aparente calma de Vic, portanto, não corresponde a equilíbrio interno, pois ela pode ser compreendida como contenção tensa.

Por sua vez, Melinda não reprime, ela exacerba. Sua estratégia é tornar o conflito visível, quase teatral. Contudo, a teatralização não resolve a tensão subjacente. Ao contrário, amplifica-a. A provocação constante desorganiza o campo relacional e acentua a disputa de poder simbólico. Se Vic exerce domínio pela vigilância e pelo controle silencioso, Melinda exerce influência pela exposição e pela desestabilização da imagem conjugal.

A masculinidade hegemônica, marcada pela contenção emocional e pelo ideal de invulnerabilidade, atravessa a postura de Vic. Ele preserva a aparência de estabilidade, inclusive diante de suspeitas e humilhações públicas. Entretanto, essa contenção não impede a escalada do conflito, apenas o desloca para o subterrâneo. O filme sugere que o silêncio pode produzir efeitos tão destrutivos quanto a explosão verbal. A violência não se manifesta apenas no ato explícito, mas também na intimidação velada, na ameaça implícita e na vigilância constante.

A complementaridade entre eles, portanto, não é harmônica, é reativa. Cada comportamento de um legitima a estratégia do outro. A ausência de comunicação emocional autêntica transforma o casamento em campo de observação mútua, onde o afeto é substituído por controle e validação externa. O que se mantém não é a intimidade, mas a dependência do conflito.

Desse modo, a narrativa evidencia que controle emocional extremo não equivale a maturidade afetiva, e que a exteriorização performática do desejo não substitui segurança interna. Vic e Melinda permanecem ligados não pela resolução de suas diferenças, mas pela incapacidade compartilhada de vulnerabilidade. A tragédia conjugal apresentada reside menos nos eventos explícitos e mais na dinâmica silenciosa que os antecede.

Em *Deep Water*, uma das cenas mais emblemáticas ocorre quando Vic aproxima-se de Joel Dash, um dos amantes de Melinda e, com serenidade desconcertante, afirma já ter matado um ex-namorado dela. A naturalidade da fala é o que produz estranhamento. Não há elevação de voz, não há confronto físico, não há explosão emocional. Há apenas enunciação.

A leitura foucaultiana, a partir de Michel Foucault (1975), permite compreender que o poder disciplinar não se sustenta necessariamente pela violência explícita, mas pela internalização da possibilidade de punição. Vic não precisa comprovar nada, pois o simples enunciado reorganiza o campo de forças da cena. A ameaça é performativa. O amante passa a ocupar uma posição de vulnerabilidade subjetiva.

A ambiguidade é o núcleo da estratégia. Ao não esclarecer se fala a verdade, Vic cria um espaço de incerteza. O poder emerge precisamente dessa suspensão. O outro é forçado a operar dentro de uma zona de dúvida, onde qualquer gesto pode ser interpretado como risco. O controle não está na ação, mas na expectativa.

Sob perspectiva lacaniana, evocando Jacques Lacan, a cena pode ser compreendida como intervenção no registro do imaginário. Vic manipula a fantasia do Outro. Ele insere

um significante, isto é, “assassinato”, e permite que o interlocutor complete a imagem. O medo não é produzido por um ato concreto, mas pela construção psíquica que o outro realiza.

Há também uma dimensão simbólica: a palavra cria posição. Ao afirmar ter matado alguém, Vic desloca sua imagem social de marido aparentemente passivo para sujeito potencialmente letal. Ele reconfigura sua identidade no campo simbólico. O rival deixa de confrontar um homem tolerante e passa a confrontar uma figura enigmática e perigosa.

Essa estratégia evidencia um deslocamento da agressividade reprimida. A hostilidade que poderia ser dirigida diretamente a Melinda é desviada para terceiros. Em vez de confrontar a esposa, Vic exerce poder sobre os amantes. Trata-se de uma economia psíquica em que a violência é sublimada em discurso, mas mantém sua potência ameaçadora.

A cena, portanto, condensa três camadas: Poder disciplinar (Foucault): controle pela possibilidade. Manipulação do imaginário (Lacan): instalação do medo pela fantasia. Deslocamento da agressividade (leitura psicanalítica): redirecionamento da hostilidade. Assim, o silêncio de Vic é mais violento do que um grito. É o poder que não precisa provar-se, apenas insinuar-se.

Durante uma sofisticada reunião social na casa do casal, Melinda se movimenta pelo salão com uma postura deliberadamente provocativa, dançando com outro homem, Joel Dash, enquanto mantém os olhos fixos em Vic à distância. A câmera constrói uma triangulação visual precisa, registrando simultaneamente Melinda, o amante e Vic, criando uma tensão quase palpável. A coreografia da cena não é apenas dança, pois cada gesto, cada olhar, cada aproximação física é carregado de significado psicológico e erótico. Melinda parece consciente do efeito de sua provocação. Ela testa os limites de Vic e explora o poder de sua presença, transformando o amante e o marido em peças de um jogo sutil de desejo e controle. O amante, absorvido pela atração, torna-se instrumento involuntário dessa dinâmica, enquanto Vic, imóvel, mantém uma postura de observação silenciosa, cuja calma aparente é carregada de intensidade.

Sob a lente lacaniana (1998), a cena evidencia o desejo mediado pelo olhar do Outro. O desejo de Melinda se amplifica na medida em que é percebido por Vic, como se a própria presença dele fosse combustível para sua performance. Vic, por sua vez, encarna a posição do sujeito do desejo alheio, mas sem ceder à impulsividade, porquanto seu silêncio e sua imobilidade configuram uma formação reativa, um mecanismo de controle emocional em que a agressividade latente e a possessividade são sublimadas em autocontrole. Cada olhar que lança sobre Melinda ou sobre o amante é calculado, comunicando ameaça e possessão sem a necessidade de palavras ou gestos explícitos.

A análise sociológica e de gênero também se revela nesse contexto. Segundo Raewyn Connell (1995), a masculinidade hegemônica valoriza domínio emocional, autocontrole e ausência de descontrole público. A performance de Vic preserva sua imagem de homem imperturbável e reforça sua autoridade simbólica, dado que ele não precisa agir violentamente para manter a honra ou o poder sobre a situação. O autocontrole torna-se uma forma de intimidação mais eficaz do que qualquer ação direta, demonstrando que a presença silenciosa pode ser tão ameaçadora quanto uma explosão de raiva.

Ao mesmo tempo, a intensidade do olhar de Vic sugere acumulação afetiva e tensão reprimida. O silêncio não é vazio, é densidade emocional. A cena constrói uma erotização da tensão, em que desejo, poder e medo se entrelaçam. Melinda explora a provocação como ferramenta de manipulação e autoafirmação, Vic responde com contenção estratégica, e o amante é deixado em um estado de vulnerabilidade psicológica, transformando a situação em um delicado jogo de controle, sedução e observação. A triangulação visual da câmera, a coreografia corporal e a narrativa subentendida entre

olhares e gestos ampliam a complexidade da cena, tornando-a não apenas um momento de tensão erótica, mas um estudo da dinâmica de poder, desejo e masculinidade performativa.

As cenas do carro são momentos de maior densidade psicológica do filme, marcando um confronto direto entre Vic e Melinda em um espaço privado, fechado e claustrofóbico. Diferente das interações sociais anteriores, aqui não há intermediários nem a presença de terceiros, e a proximidade física transforma cada gesto, cada respiração e cada olhar em instrumento de tensão. O silêncio que domina o ambiente não é vazio, é carregado de significado, funcionando como uma linguagem própria que transmite ameaça, desafio e sedução. Melinda provoca verbalmente Vic de maneira calculada, alternando comentários irônicos, insinuações sexuais e testes emocionais, explorando sua aparente indiferença. Cada palavra é um estímulo que busca quebrar a armadura emocional dele, revelando ao espectador a delicada dança de poder e manipulação que se estabelece entre os dois.

Sob a perspectiva da teoria do apego de John Bowlby (1969), Melinda exemplifica padrões ansiosos de apego, nos quais o parceiro é constantemente testado para confirmar investimento afetivo e disponibilidade emocional. A indiferença de Vic, longe de ser um vazio, funciona como catalisador para amplificar a ansiedade de Melinda. Quanto menos ele reage, mais ela provoca, estabelecendo um ciclo autoperpetuante, em que provocações geram tensão, a tensão intensifica os testes, e a contenção de Vic prolonga e exacerba a ansiedade dela. Esse mecanismo revela não apenas o desequilíbrio emocional da interação, mas também a forma sofisticada com que o poder é exercido silenciosamente, dado que Vic domina pelo controle interno, pela ausência de reação impulsiva, enquanto Melinda tenta conquistar atenção e reafirmação.

As cenas são ainda intensificadas pela construção cinematográfica. A câmera frequentemente alterna entre planos fechados dos rostos, capturando microexpressões, olhares evasivos, movimentos de lábios e alterações sutis na postura, reforçando a sensação de claustrofobia e de tensão erótica latente. O espaço do carro, normalmente neutro e cotidiano, transforma-se em um palco psicológico, onde cada movimento é significativo e cada silêncio comunica. A iluminação, geralmente baixa e contida, cria sombras que reforçam o clima de intimidação e sedução, e os ângulos de câmera, muitas vezes ligeiramente inclinados ou próximos demais, amplificam a sensação de vulnerabilidade e de controle simultâneo.

Além disso, a dinâmica entre Vic e Melinda nessas cenas evidências múltiplas camadas de poder simbólico. Vic, por sua imperturbabilidade, mantém domínio emocional, característica central da masculinidade hegemônica descrita por Raewyn Connell (1995). Sua força não reside em agressão física ou verbal explícita, mas na capacidade de manipular a situação pelo silêncio, pela contenção e pelo olhar penetrante. Melinda, por sua vez, transforma o desafio em performance, explorando a provocação como ferramenta de manipulação, reforçando o entrelaçamento entre desejo, controle e ansiedade. A interação torna-se assim uma espécie de jogo psicológico, onde poder, erotização da tensão e vulnerabilidade emocional coexistem, criando uma complexidade narrativa que vai muito além da simples discussão conjugal.

Essas cenas demonstram, de forma exemplar, como o espaço privado pode intensificar a exploração do desejo, da manipulação e do poder simbólico. O carro deixa de ser apenas um veículo físico, torna-se metáfora da relação confinante, carregada de expectativas, desejos não ditos e ameaças implícitas. A tensão erótica, o controle psicológico e a dinâmica de apego ansioso se combinam para criar uma cena que não apenas avança o enredo, mas também revela a intrincada psicologia dos personagens, suas estratégias de poder e as sutilezas da masculinidade e do desejo performativo. O silêncio de Vic, em última análise, funciona como arma psicológica, provando que, em um confronto privado,

a ausência de ação pode ser mais impactante e ameaçadora do que qualquer gesto explosivo.

Particularmente, a cena do sexo oral no carro entre Melinda e Vic funciona como uma extensão da tensão psicológica que atravessa *Águas Profundas* (2022). Mais do que a sexualidade em si, o momento é marcado pelo jogo de poder, pelo controle e pela manipulação implícita entre o casal. O carro, espaço confinado e isolado, reforça a intimidade, mas também a vulnerabilidade, transformando o ato em uma espécie de performance de dominação e sedução. Melinda assume o controle da situação, enquanto Vic responde às provocações, criando uma dinâmica que mistura desejo, tensão e expectativa. Cinematograficamente, o enquadramento próximo e os detalhes das expressões enfatizam a complexidade emocional do momento, mostrando como a sexualidade no filme serve como instrumento de exploração psicológica e aprofundamento do conflito entre desejo e poder. A cena deixa evidente que, em *Águas Profundas* (2022), o sexo não é apenas físico, mas também uma linguagem de controle, manipulação e observação, refletindo os temas centrais do filme de ciúme, posse e tensão silenciosa.

O primeiro homem assassinado por Vic é o pianista Charlie De Lisle, professor de piano e um dos amantes de Melinda. Ele aparece se divertindo com Melinda na piscina. Quando começa a chover e todos entram, ele acaba sendo encontrado morto submerso na piscina, aparentemente por afogamento. Essa é a primeira morte que a trama mostra em detalhes e que desencadeia as suspeitas de que Vic pode estar matando os amantes da esposa. Posteriormente, o assassinato de Tony Cameron, um ex-namorado de Melinda que aparece mais ao final do filme. Vic o leva para um local isolado no barranco e, num ataque de ciúmes e vingança, lança uma pedra na cabeça de Tony, fazendo cair e morrer, posteriormente mantém o corpo afundado no rio.

Esses assassinatos marcam um ponto de ruptura definitiva na narrativa e na construção psicológica de Vic. Até então, sua agressividade havia sido expressa de forma simbólica por meio de olhares penetrantes, silêncios carregados de tensão, manipulação psicológica e controle emocional calculado. O ato de homicídio transforma essa agressividade latente em ação concreta, evidenciando a materialização do recalcado freudiano. Segundo Sigmund Freud (2010), conteúdos reprimidos podem retornar sob formas sintomáticas, e, nesse contexto, o assassinato funciona como expressão extrema de emoções, desejos e impulsos previamente contidos.

O gesto violento de Vic não é uma explosão impulsiva ou irracional, ele é meticulosamente planejado. Cada movimento demonstra a articulação entre cálculo e emoção acumulada, mostrando que a agressividade não surgiu no momento do crime, mas esteve presente desde o início, manifestando-se ao longo das cenas de provocação, tensão erótica e controle psicológico. Esse planejamento reforça a ideia de que o ato violento é simultaneamente uma descarga emocional e uma reafirmação do poder simbólico que Vic vinha exercendo de forma sutil até então.

Sob a perspectiva da psicodinâmica, o assassinato cumpre múltiplas funções. Primeiramente, ele atua como descarga da tensão acumulada, liberando anos de frustração contida, hostilidade e ciúmes que haviam sido manipulados e sublimados nas interações com Melinda e os amantes. Em segundo lugar, há uma função de recuperação narcísica, em que eliminar o rival não só remove a ameaça concreta à sua posição de marido, mas também reafirma seu senso de superioridade e domínio, restaurando a integridade do seu *self* e consolidando seu controle sobre a narrativa doméstica e afetiva. Por fim, o ato representa uma reafirmação de poder absoluto. Até aquele momento, Vic exercia controle através da ambiguidade, da passividade estratégica e da manipulação psicológica; agora,

ele materializa essa autoridade de forma incontestável, impondo seu domínio no mundo físico, rompendo definitivamente a tensão latente que se construíra nas cenas anteriores.

A dimensão cinematográfica das cenas amplifica ainda mais seu impacto psicológico. Planos fechados nos olhos de Vic e do amante capturam microexpressões de cálculo, tensão e surpresa, enquanto a alternância entre silêncios prolongados e ruídos abruptos (como portas batendo, respirações ou movimentos súbitos) cria uma sensação de suspense e inevitabilidade. A iluminação escura e contrastante transforma o ambiente em um espaço quase teatral, onde sombras e contornos enfatizam a intimidade tensa e a densidade emocional. Cada enquadramento e cada movimento da câmera sublinha a articulação entre planejamento, desejo e agressividade reprimida.

Além disso, as cenas refletem a interação entre desejo, poder e violência, temática central de toda a narrativa. O assassinato pode ser lido como culminação do controle psicológico que Vic exerce sobre Melinda, seus amantes e, de maneira simbólica, sobre toda a situação doméstica. É a materialização de um padrão que se iniciou nas provocações sutis, nos silêncios calculados, nas observações e na manipulação psicológica. A violência, neste contexto, não é apenas um ato físico, é a tradução do recalcado em forma concreta, uma dramatização do poder simbólico que Vic vinha mantendo de maneira invisível, mas constante.

Por fim, essas cenas evidenciam a complexidade moral e psicológica do personagem, colocando o espectador diante de um dilema desconfortável em que a violência é chocante, mas coerente com toda a construção prévia de sua personalidade, suas estratégias de controle e a tensão acumulada. É a culminação de um arco narrativo em que desejo, manipulação, poder e agressividade reprimida convergem, demonstrando que, em *Águas Profundas* (2022), o silêncio prolongado, a indiferença estratégica e o controle simbólico podem preparar o terreno para uma explosão de violência tão calculada quanto inevitável.

Em *Águas Profundas* (2022), a sequência final constrói uma atmosfera de tensão contida e ambiguidade moral. Após a revelação implícita dos assassinatos e do clima de manipulação que permeou toda a narrativa, Melinda opta por não denunciar Vic, criando um pacto silencioso entre os dois. A cena é marcada por olhares longos e carregados de significado, pequenos gestos e microexpressões que funcionam como uma linguagem própria, sugerindo compreensão mútua e aceitação tácita da situação. O espectador percebe que o vínculo entre os personagens ultrapassa a dicotomia tradicional de vítima e agressor, porquanto Melinda não é apenas passiva, ela participa, conscientemente ou não, da manutenção da estrutura de poder estabelecida por Vic.

Sob perspectiva bourdieusiana, evocando Pierre Bourdieu (1989), essa cumplicidade pode ser interpretada como internalização da lógica relacional. O poder simbólico exercido por Vic, que operou durante todo o filme por meio de manipulação psicológica, indiferença estratégica e controle emocional, é naturalizado, uma vez que Melinda reconhece e aceita as regras implícitas do jogo, ajustando-se à dinâmica de tensão e submissão simbólica. A relação deixa de ser apenas domínio explícito, visto que o poder se torna estruturante do vínculo, incorporado ao modo como ambos interagem, sentem e desejam. A cumplicidade silenciosa funciona, assim, como legitimação mútua de uma economia de poder que se consolidou ao longo da narrativa.

Do ponto de vista psicanalítico, é possível compreender que ambos compartilham uma economia libidinal estruturada na tensão. O desejo, a hostilidade reprimida, a manipulação e o controle foram transformados em elementos constitutivos do vínculo afetivo, criando uma dinâmica em que conflito e erotização estão profundamente entrelaçados. O silêncio, que em momentos anteriores funcionava como instrumento de ameaça ou contenção, agora se torna meio de pacto, ou seja, uma comunicação sem

palavras, que mantém a relação funcional e preserva o poder simbólico de Vic enquanto confirma a participação ativa de Melinda na dinâmica emocional e sexual que se estabeleceu.

Cinematograficamente, a cena final reforça essa ambiguidade e densidade psicológica. A câmera alterna planos fechados nos olhos e nos rostos, captando sutis sinais de cumplicidade, enquanto a iluminação baixa e a ausência de música enfatizam o clima de intimidade tensa. A proximidade física, os gestos mínimos e o tempo prolongado de silêncio criam um efeito de suspensão, convidando o espectador a ler o significado de cada olhar, cada pausa e cada respiração. Não há resolução moral simplista e não há punição nem justiça explícita. A cena sugere que a relação, com toda sua complexidade, tensão e erotização, se mantém enquanto pacto silencioso, consolidando a mensagem central do filme sobre desejo, poder e controle psicológico.

Em última análise, a cumplicidade final evidencia que a narrativa de *Águas Profundas* (2022) não se limita a um thriller de assassinato ou manipulação, mas explora profundamente a interdependência entre poder, desejo, moralidade e construção simbólica dos vínculos afetivos. O conflito deixa de ser apenas circunstancial e passa a ser constitutivo da relação, mostrando que, no universo do filme, poder e desejo são inseparáveis, e o silêncio pode ser mais expressivo e transformador do que qualquer gesto explícito.

Considerações finais

A análise do filme *Águas Profundas* (2022) evidencia que as dinâmicas conjugais entre Vic e Melinda ultrapassam a narrativa de infidelidade e ciúme, configurando-se como estudo complexo sobre regulação emocional, poder simbólico e performatividade de gênero. O relacionamento apresentado não se sustenta sobre ausência de afeto, mas sobre uma forma específica de economia emocional baseada em tensão constante, ambivalência e controle.

Vic representa uma modalidade de masculinidade marcada pela supressão afetiva e pelo autocontrole rigoroso. À luz da psicanálise, sua postura sugere repressão de impulsos agressivos e ciumentos, os quais retornam de maneira deslocada e progressivamente destrutiva. A frieza não se configura como maturidade emocional plena, mas como defesa estruturada. Sua capacidade de manter a compostura pública funciona como estratégia de preservação narcísica e manutenção de autoridade simbólica. Entretanto, o desfecho evidencia que a emoção não elaborada encontra vias de expressão, ainda que violentas.

Melinda, por sua vez, encarna a instabilidade performática do desejo. Sua conduta provocativa pode ser compreendida como busca por reconhecimento e validação, revelando traços de apego ansioso e dependência do olhar do outro para sustentação identitária. A exposição pública de seus envolvimento não é apenas transgressão moral; é tentativa reiterada de romper a muralha emocional erguida por Vic. Paradoxalmente, quanto mais ela provoca, mais ele silencia — e quanto mais ele silencia, mais ela intensifica a provocação.

O filme oferece, assim, uma reflexão relevante sobre os riscos da comunicação afetiva interrompida. A ausência de diálogo emocional genuíno transforma o vínculo conjugal em campo de disputa simbólica. O silêncio, quando utilizado como instrumento de poder, deixa de ser neutralidade e passa a operar como forma sutil de violência. Da mesma forma, a provocação constante, quando orientada pela necessidade de validação, torna-se mecanismo de desgaste relacional.

Entre as principais lições que emergem da análise, destacam-se: Controle emocional não é sinônimo de saúde psíquica. A supressão prolongada pode produzir acumulação de tensão e explosões tardias. Provocação pode mascarar insegurança. Comportamentos transgressores nem sempre indicam autonomia; podem revelar dependência afetiva. O poder nas relações íntimas frequentemente opera de modo simbólico. Silêncios, olhares e ambiguidades podem ser tão reguladores quanto confrontos explícitos. A ausência de vulnerabilidade compartilhada compromete a intimidade. Relações sustentadas por jogos de controle tendem a transformar desejo em disputa.

Além disso, a narrativa convida a refletir sobre padrões contemporâneos de masculinidade e feminilidade. O modelo de homem imperturbável, emocionalmente fechado e estrategicamente dominante pode parecer forte, mas revela fragilidade estrutural quando confrontado com frustração prolongada. Da mesma forma, a liberdade performática desvinculada de elaboração afetiva pode converter-se em autossabotagem relacional.

Em síntese, Águas Profundas (2022) propõe uma inquietante pergunta: o que acontece quando duas subjetividades evitam a vulnerabilidade e optam por estratégias defensivas em vez de diálogo? A resposta apresentada pelo filme é contundente — o silêncio acumulado torna-se tensão, a tensão torna-se ameaça, e a ameaça, quando não simbolizada, pode converter-se em destruição. O estudo da obra demonstra que relações conjugais marcadas por repressão, disputa e validação externa carecem de elaboração emocional mútua. A verdadeira regulação emocional implica não apenas controlar a expressão, mas integrar o afeto à consciência e à comunicação. Assim, a principal reflexão que se extrai é que maturidade emocional não reside na frieza, mas na capacidade de reconhecer, nomear e compartilhar vulnerabilidades. Onde não há elaboração simbólica, resta apenas a repetição do conflito.

Referências

- Bowlby, J. (2002). *Apego e perda: Apego* (2. ed., v. 1). Martins Fontes. (Edição original publicada em 1969)
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Bertrand Brasil.
- Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. University of California Press.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Vozes. (Edição original publicada em 1975)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo (1914). In *Obras completas: Volume 12* (1913–1914). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). Repressão (1915). In *Obras completas: Volume 12* (1914–1916). Companhia das Letras.
- Gross, J. J. (1998). *The emerging field of emotion regulation: An integrative review*. Review of General Psychology, 2(3), 271–299.
- Gross, J. J. (2002). *Emotion regulation: Affective, cognitive, and social consequences*. Psychophysiology, 39(3), 281–291.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Zahar.
- Lyne, A. (Director), & Milchan, A. (Producer). (2022). *Águas Profundas (2022)* [Filme]. 20th Century Studios.